



A
LIVREIRA
DE PARIS

KERRI MAHER

KERRI MAHER

A
LIVREIRA
DE PARIS

Tradução de Paula Diniz



Copyright © 2022 by Kerri Maher
Esta edição foi publicada mediante acordo com Taryn Fagerness
Agency e Sandra Bruna Agencia Literaria, SL. Todos os direitos
reservados.

TÍTULO ORIGINAL
The Paris Bookseller

COPIDESQUE
Clara Alves

PREPARAÇÃO
Iuri Pavan

REVISÃO
João Sette Camara
Rayana Faria
Theo Araújo

DIAGRAMAÇÃO
Inês Coimbra

DESIGN DE CAPA
Júri Pros, 2022

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ
M181L

Maher, Kerri
A livreira de Paris / Kerri Maher ; tradução Paula Diniz. - 1. ed. -
Rio de Janeiro : Intrínseca, 2023.
368 p. ; 21 cm.

Tradução de: The Paris bookseller
Inclui bibliografia
ISBN 978-65-5560-668-3

1. Ficção americana. I. Diniz, Paula. II. Título.

23-84045 CDD: 813
CDU: 82-3(73)

Gabriela Faray Ferreira Lopes - Bibliotecária - CRB-7/6643

[2023]

Todos os direitos desta edição reservados à
EDITORA INTRÍNSECA LTDA.
Rua Marquês de São Vicente, 99, 6ª andar
22451-041 — Gávea
Rio de Janeiro — RJ
Tel./Fax: (21) 3206-7400
www.intrinseca.com.br

Pour mes amis — de perto e de longe, antigos e novos.
Vocês tornaram esta história possível.

*Paris é tão incrivelmente bela que faz você se sentir completo
de um jeito que os Estados Unidos nunca conseguiriam.*

Ernest Hemingway

PARTE UM

1917-1920



*As pessoas famosas não nasceram assim.
Sempre se começa sendo desconhecido.*

Adrienne Monnier

CAPÍTULO I



Fra difícil não sentir que Paris era *o lugar*. Sylvia tentava voltar havia quinze anos, desde que a família Beach morou lá — na época, Sylvester, seu pai, era pastor da Igreja Americana no Quartier Latin, e ela era uma adolescente romântica que não se cansava de Balzac ou de *cas-soulet*. O que ela mais lembrava daquela época, que levou no coração quando a família precisou voltar para os Estados Unidos, era a sensação de que a capital francesa era mais iluminada do que qualquer outra cidade em que estivera ou estaria algum dia. Não eram só os lampiões a gás tremeluzentes que clareavam as ruas após o anoitecer, ou aquela inevitável pedra branca reluzente com a qual grande parte da cidade fora construída — era o esplendor da vida borbulhando em cada chafariz, cada encontro de estudantes, cada apresentação de fantoches no Jardim de Luxemburgo e cada ópera no Teatro Odeon. Era a maneira como sua mãe brilhava, cheia de vida; como lia livros e recebia professores, políticos e atores em casa, e lhes servia pratos sofisticados em jantares à luz de velas que eram palco de debates acalorados sobre livros e acontecimentos mundiais. Eleanor Beach disse às três filhas, Cyprian, Sylvia e Holly, que elas moravam no lugar mais singular e maravilhoso de todos, e que isso mudaria o curso de suas vidas para sempre.

Nada jamais se comparara àquilo — nem fazer cartazes, nem atender a telefones e bater de porta em porta com Cyprian,

Holly e a mãe para o Partido Nacional das Mulheres em Nova York; nem se aventurar sozinha pela Europa e se esbaldar nas torres e ruas de pedras de muitas outras cidades; ou o primeiro e tão desejado beijo na colega de classe Gemma Bradford; nem ser elogiada pelos professores favoritos.

Mas ela estava ali agora, de fato *morando* na cidade que capturara sua alma.

Sylvia saiu dos aposentos que dividia com Cyprian no belíssimo porém decadente Palais Royale em direção à Pont Neuf e cruzou o Sena, inspirando a sua brisa, que chicoteava o cabelo curto em seu rosto e ameaçava apagar seu cigarro. Ela parou no meio da ponte para olhar para o leste e admirar a Catedral de Notre-Dame, com suas torres góticas simétricas que flanqueavam a rosácea e seus contrafortes precariamente delicados, cuja força ainda a espantava — havia séculos sustentavam aquelas paredes gigantescas.

Logo ela estava serpenteando pelas ruas estreitas do Quartier Latin, que ainda lhe eram familiares de suas andanças na adolescência. Embora Sylvia tenha se perdido um pouco, foi até bom, porque teve a oportunidade de admirar a Abadia de Saint-Germain-des-Prés e pedir informações a uma bela estudante francesa que tomava um café cremoso numa mesa na calçada do Les Deux Magots. Por fim, ela parou no número 7 da rua do Odeon, onde ficava a livraria de A. Monnier.

A fachada da pequena loja da madame Monnier — *ou, peut-être, mademoiselle?* — tinha um tom de cinza agradável, e o nome da proprietária estampado acima das grandes janelas panorâmicas. Quando Sylvia abriu a porta, um único sino tocou alegremente. Havia pessoas aqui e ali entre as prateleiras repletas de livros, que iam do chão ao teto. Todas liam e examinavam a lombada das obras em silêncio, e o local estava tão sossegado quanto uma igreja

vazia. Sentindo-se inesperadamente tímida para fazer a pergunta que pretendia, Sylvia olhou à sua volta e desistiu por um tempo. Foi bom, pois, nesse meio-tempo, ela descobriu algumas edições lindas de seus romances franceses favoritos e leu quase um conto inteiro da edição mais recente de *Vers et prose* enquanto a loja se agitava e se enchia de vida. Os clientes movimentavam o caixa com suas compras, e alguns casais entravam conversando, trazendo som ao ambiente.

Depois de tirar da prateleira o livro que queria comprar, juntando-o à revista em que estava absorta, Sylvia foi até a grande caixa registradora de bronze, na qual uma mulher mais ou menos de sua idade chamava atenção, sorrindo com os lábios finos e olhos de um azul que lembrava o do mar Mediterrâneo — o contraste entre sua pele muito alva e os cabelos pretos era gritante. Em sua mente, Sylvia ouviu Cyprian criticar como a roupa da mulher era antiquada, uma saia longa e uma blusa toda abotoada, peças demasiadamente modestas para o corpo voluptuoso por baixo delas; no entanto, tudo na aparência da mulher lhe agradou. Ela parecia o tipo de pessoa com quem se podia conversar. Mas também havia algo a mais; Sylvia sentiu uma forte vontade de lhe acariciar as bochechas lisas.

— Você encontrou... o que o seu coração desejava? — perguntou a mulher num inglês cheio de sotaque.

O que o meu coração desejava? Sylvia sorriu com a paixão tipicamente francesa nas palavras sinceras da mulher, depois respondeu, em francês:

— Sim, encontrei, embora esteja decepcionada por você perceber que não sou francesa.

Os idiomas eram uma espécie de dom para Sylvia, que falava três fluentemente. Ela ficou contente em ver que, assim que abriu a boca, a mulher pareceu impressionada com seu sotaque.

— A senhorita é de onde? — devolveu ela em francês, usando o formal *vous*.

— Dos Estados Unidos. Mais recentemente de Princeton, em Nova Jersey, perto da cidade de Nova York. A propósito, o meu nome é Sylvia. Sylvia Beach.

A mulher bateu palmas.

— *Les États-Unis!* — exclamou. — Lar de Benjamin Franklin! Ele é meu favorito! Meu nome é Adrienne Monnier.

Sylvia riu, pois, por algum motivo, fazia todo o sentido que aquela moça bonita com roupas antiquadas admirasse tanto o seu pai fundador predileto. De fato, *mademoiselle*; nem de longe madame.

— Prazer em conhecê-la, *mademoiselle* Monnier. Sua loja é muito especial. Também gosto de Ben Franklin — admitiu Sylvia. — Mas você já leu Hawthorne? Thoreau? E *Moby Dick*? É um dos meus favoritos.

A conversa seguiu. Sylvia foi descobrindo quais autores estadunidenses tinham ou não sido traduzidos para o francês, além de como era difícil encontrar livros em inglês, mesmo na cosmopolita Paris.

— E a verdade é que meu inglês não é bom o suficiente para ler a grande literatura em sua língua materna — admitiu Adrienne com um olhar tímido para o chão.

— Mas pode se tornar — assegurou Sylvia, sentindo seu coração se encher e bater mais forte no peito.

Havia algo entre as duas, e ela tinha certeza de que ia além dos livros. Suas mãos ficaram frias e úmidas com aquela sensação.

— Aí está você, Adrienne — cantou uma voz alegre e simpática atrás de Sylvia.

Ela se virou e viu uma mulher magérrima e deslumbrante, com o cabelo loiro acobreado volumoso e ondulado preso em

um coque, usando um conjunto semelhante ao de Adrienne, embora as peças fossem bem diferentes em seu corpo esguio. Os dedos longos e finos se moviam com lentidão, como se não estivessem sob o controle completo da dona. Mas, quando repousaram na mão de Adrienne, que era menor e mais carnuda, Sylvia percebeu a intenção do gesto e entendeu de imediato que as duas eram companheiras.

E ela pensando que estava flertando com Adrienne. As duas já tinham até começado a usar o informal *tu* em vez de *vous*.

O entusiasmo e a admiração no sorriso que Adrienne deu para a mulher, agora ombro a ombro com ela, partiram o coração de Sylvia. As duas ali tinham algo, na vida pessoal e na loja. Algo que Sylvia procurava havia muito, mas não sabia que queria — *precisava* — até enxergar. Ela poderia conseguir aquilo para si mesma? O que era *aquilo*, afinal? De repente, Sylvia se sentiu desorientada, balançada por tudo à sua volta: a loja, as mulheres, os livros, o burburinho dos clientes.

— Suzanne, esta é a nossa nova amiga, Sylvia Beach, dos Estados Unidos. Sylvia, esta é Suzanne Bonnierre, minha sócia — apresentou Adrienne.

Num gesto excessivamente empolgado, Sylvia estendeu a mão, e Suzanne pareceu se divertir ao cumprimentá-la.

— É um prazer conhecê-la, *mademoiselle* Beach.

— Pode me chamar de Sylvia — corrigiu. — Que loja incrível vocês têm. É muito aconchegante e convidativa, e tem um acervo maravilhoso.

Sylvia se perguntou por que o nome de Suzanne não estava incluído na fachada da loja. Bem, ela supôs que colocar Monnier e Bonnierre, por mais charmoso e sonoro que parecesse, talvez deixasse tudo óbvio demais, ainda que Paris

fosse mais liberal nesses aspectos. Um dia antes, Cyprian enfiara Sylvia num terninho e escolhera usar um vestido de lantejoulas; em seguida, cobriu as duas com uma capa comprida para irem de metrô a um novo bar no boulevard Edgar Quinet, onde a clientela era inteiramente feminina, e metade usava monóculo e polainas. De fora, parecia qualquer outra pocilga e ostentava um pequeno toldo escrito BAR, mas, ao entrar, Sylvia não ficou à vontade com o clima barulhento e movido a jazz do lugar. Dissera a si mesma para relaxar e aproveitar o fato de que morava numa cidade onde esse tipo de estabelecimento podia prosperar, onde podia ser totalmente aberta em relação a seus interesses amorosos e onde uma mulher com terno de *tweed* e chapéu podia cantar músicas de Billy Murray. O lugar era até protegido por lei, porque as relações homoafetivas foram descriminalizadas durante a Revolução Francesa. Mas ela não gostava de se sentir uma mercadoria numa prateleira. Seu lado leitora preferia a calma e a sutileza da A. Monnier.

— Ah, muito obrigada — replicou Suzanne. — Nunca estive em seu país, mas ouvi e li muitas coisas maravilhosas de lá. Tem sido uma grande inspiração para a França, é claro.

— Pode ter muitas coisas excelentes no meu país, mas me sinto feliz por estar aqui.

Sylvia pensou no avanço da censura com as Leis de Comstock e de espionagem, na longa e precária batalha pelo sufrágio feminino e na revoltante ideia da proibição do álcool, que se espalhava muito rápido pelo país. A impressão era a de que ideias que antes pareciam marginais, estranhas demais para serem levadas a sério, haviam se enraizado nos Estados Unidos, enquanto as boas e fortes, que ajudariam o país a avançar para o novo século, definhavam.

— Também estamos felizes por você estar aqui — disse Adrienne, radiante.

— Você deveria vir para a leitura esta noite! Nossos queridos amigos Valery Larbaud e Léon-Paul Fargue vão participar. E Jules Romains. Já ouviu falar desses escritores? — perguntou Suzanne.

— Claro que sim! Seria uma honra conhecê-los.

Essa possibilidade também fez o estômago de Sylvia se revirar. *Jules Romains? Vraiment? Sérió?* O que ela teria para dizer a ele?

— Volte às oito. Não prestamos mais atenção aos ataques aéreos.

Depois disso, Sylvia simplesmente não conseguiu se concentrar no seu artigo sobre a Espanha. Sentada numa pequena escrivaninha no Palais, ela tentava captar o rastro de poeira e lavanda que a lembrava de A. Monnier — a loja e a moça — e, toda vez que enfiava o nariz nas mangas na tentativa de desvendar de onde vinha o cheiro, percebia que era sempre evasivo.

Essa distração era apenas mais um sinal de que ela não nascera para ser escritora, ainda que, após as tantas leituras que fizera na vida, todos ao seu redor — dos pais e irmãs até sua amiga mais antiga, Carlotta Welles — presumissem que ela se tornaria uma.

“Há um Walt Whitman em você”, costumava dizer o pai toda vez que Sylvia voltava para casa com uma nota alta numa redação da escola. “Eu simplesmente sei.”

Mas redações não eram poemas ou romances. Quando ela tentava escrever um verso ou uma história, dava tudo errado. Ela adorava Whitman. Tentar ser minimamente parecida com ele — ou com Kate Chopin ou qualquer uma das irmãs Brontë, aliás — soava quase como um insulto.

Também não ajudava o fato de que, com o passar dos anos, Sylvia foi preferindo os escritores que davam continuidade ao legado de Whitman e escreviam sobre si mesmos e sobre o mundo de maneira tão surpreendente que, por vezes, ela acabava de ler uma obra e ficava acordada até tarde da noite pensando: *Como eles conseguem fazer isso? Como conseguem tocar minha alma e envolvê-la com seus punhos a ponto de perturbá-la?* Foi assim especialmente com *O despertar*, de Chopin, mas também com *Um retrato do artista quando jovem*, de James Joyce.

Ela sentia uma mistura turbulenta de luxúria, admiração e inveja ao pensar nos dois romances. A requintada honestidade com que os autores escreveram sobre corpos e desejos, e a culpa e as consequências desses desejos, usando palavras amarradas em frases inquietantes que personificam a própria natureza da perturbação interna do personagem, fazia Sylvia suar debaixo dos lençóis.

Será que ela poderia escrever com tanta coragem, sabendo que seu pai, um pastor, que ela tanto amava, leria cada palavra? Uma coisa era ele aceitar sua solteirice em silêncio, e talvez até seu discreto safismo. Sylvester nunca encorajou a filha a se casar e nunca questionou suas amizades com mulheres, que ou eram completamente platônicas, ou, com menos frequência, intensamente íntimas. Mas seria bem diferente se ela escrevesse sobre seus desejos com a honestidade que admirava nos novos escritos que começava a ver nos periódicos mais progressistas.

Poderia ela escrever sobre seus anseios mais profundos com desprendimento, sem abandonar a si mesma? Conseguiria ajudar a preencher as páginas de sua revista favorita, *The Little Review*? A mesma que a editora Margaret Anderson tivera a coragem de publicar totalmente em branco em 1916 —

vinte páginas vazias, exceto por um editorial no qual afirmava que ela não estava mais disposta a publicar textos *apenas bons*; tudo tinha que ser pura arte. Arte que iria refazer o mundo. E Sylvia acreditava de todo o coração que este *era* o propósito da arte — ser inovadora, provocar mudanças, mudar mentes.

Ela se lembrou da resposta da mãe ao comentário de seu pai sobre Whitman: “Ou talvez ela seja a próxima Elizabeth Cady Stanton.”

Por que seus pais tinham tantas expectativas em relação ao seu futuro? Será que seu ciúme velado do sucesso de Cyprian como atriz era culpa deles?

De certa forma, a irmã era a razão de eles estarem em Paris; então, Sylvia supunha que deveria se sentir grata. Cyprian tinha um papel fixo num filme semanal popular chamado *Judex*. Como o filme era muito conhecido, as duas eram paradas por pessoas na rua para que Cyprian desse autógrafos. Às vezes, até pediam que Sylvia autografasse também, presumindo que ela fosse alguma futura promessa que andava por aí com a incrível e deslumbrante estrela. A irmã mais velha suspirava e pensava em como a relação com Cyprian sempre fora assim. Mesmo aos trinta anos, Sylvia ainda se irritava com o fato de a caçula poder se valer de sua *aparência* cativante para chamar atenção, enquanto ela labutava em bibliotecas e escrivatinhas, na esperança de que suas palavras e ideias fossem descobertas um dia.

— Pena que são sempre meninos adolescentes e garotinhas — queixava-se Cyprian depois de autografar outro guardanapo ou porta-copos de papelão. — Onde estão os *ducs* e outros admiradores cheios de posses?

— Você sabe que eles existem, irmã querida. São eles que lhe enviam Veuve e Pernod no Ritz. — *Além disso, você só quer a atenção dos homens pelo status.*

Cyprian estava mais disposta a se apegar a um homem do que Sylvia, que renunciara por inteiro à ideia do casamento, até mesmo um de conveniência, embora pudesse usá-lo para camuflar algo quando precisasse. Unir-se a um homem, mesmo um que preferisse compartilhar a cama com outro, simplesmente não a atraía. Ela notara que a união quase sempre significava subordinação. E, embora Sylvia fosse uma das poucas pessoas na face da Terra a saber que a irmã preferia o afeto de mulheres, Cyprian gostava de interpretar papéis que a lisonjeavam e a ajudavam a comprar vestidos Chanel e sapatos italianos, pois entregava-se ao gosto que herdara da mãe por coisas refinadas.

— Se eu conseguisse um papel *no teatro*, poderiam mandar flores para o meu camarim — costumava lamentar.

Quando finalmente chegou a hora de voltar para a rua do Odeon, Sylvia pegou o metrô e caminhou por meia hora até o pátio de paralelepípedos em frente ao teatro Odeon, fumando um cigarro após o outro e ensaiando possíveis tópicos de conversa que teria com os *escritores famosos*, antes de dizer a si mesma que estava sendo boba e andar até a loja de Adrienne.

No crepúsculo do verão, as lâmpadas eram suaves, e a conversa, sóbria. Adrienne e Suzanne voavam pela sala, servindo bebidas, tocando as costas de todos, incitando o riso; especialmente Adrienne — os outros convidados competiam por uma chance de acenar para ela. Uma verdadeira Héstia dos livros, ela estava envolvida numa conversa profunda e séria com um pequeno grupo quando Suzanne apresentou Sylvia a Valery Larbaud e Jules Romains. Os homens lhe deram dois beijos na bochecha, como se a conhecessem havia anos.

— Monnier estava nos contando tudo a seu respeito — informou Romains. — Que você é uma leitora e gosta dos

transcendentalistas estadunidenses. Por acaso também gosta de Baudelaire, que é da mesma época aqui na França?

— Ah, é claro. *As flores do mal* foi importante em ambos os lados do Atlântico — respondeu ela, deleitando-se com sua aprovação acalorada.

Eles conversaram por algum tempo sobre a literatura do século XIX, uma conversa que se desdobrou perfeitamente em outras sobre romances recentes e poesia, o fim da guerra e as perspectivas da literatura na França.

Bem, talvez toda aquela leitura esteja finalmente valendo a pena.

O leve toque da mão de alguém em seu cotovelo fez Sylvia se sobressaltar e derramar um pouco de vinho da taça. *Adrienne*. Ela desviou a atenção de Larbaud e Romain e se virou para a anfitriã, que sorriu e lhe deu dois beijos no rosto, uma saudação que Sylvia retribuiu, embora com lábios excessivamente firmes.

— Você está se divertindo, minha cara? — perguntou Adrienne. Antes que Sylvia respondesse, porém, a mulher olhou para os dois homens e disse: — Espero que estejam fazendo nossa nova amiga dos Estados Unidos se sentir bem-vinda.

— Muito bem-vinda — Sylvia se apressou em responder para tranquilizar a todos.

— E, como de costume, Monnier, você acrescentou outro tesouro a esta abundância — disse Larbaud.

Parecia impossível que estivessem falando sobre ela. Ou pensar que ela estivera tão nervosa apenas uma hora antes. Ali, Sylvia se sentiu em casa, como se frequentasse a loja a vida toda. E, no entanto, também era emocionante, como uma nova aventura, uma queda precipitada rumo ao desconhecido.

— Não fique com vergonha, querida Sylvia! — Adrienne riu. — Eu sabia que você era um tesouro assim que coloquei os olhos em você.

— Bem, minha irmã é atriz, então acho que já me acostumei com o fato de ela ser o tesouro.

— Atriz? — perguntou Romain, erguendo uma sobrancelha. — Ela já fez algo que possamos ter visto?

— *Judex*. É um filme semanal.

Os dois riram ruidosamente, o vinho enrubescendo as maçãs do rosto.

— Não ligue para eles — retrucou Adrienne, dando um tapinha de brincadeira no braço de Romain enquanto ele se controlava. — Eles são muito esnobes. Eu amo cinema, até mesmo alguns dos dramas tradicionais. Não vi *Judex*. Talvez devêssemos assistir.

E ali estava mais uma vez. O *frisson*. Por que os franceses têm as melhores palavras para atração?

— Sim, vamos. Cyprian ficaria muito contente.

— Suzanne vai adorar também.

Suzanne. Como eu fui esquecer?

E, no entanto, lá estava ela mais uma vez, como se evocada pela conversa, dando um beijo leve e demorado na bochecha de Adrienne e oferecendo uma saudação entusiasmada e íntima aos homens — o que lembrava a Sylvia de que ela era a recém-chegada, a forasteira; independentemente da recepção calorosa que tivera, nada daquilo era *dela*.

CAPÍTULO 2



A cada dia, porém, ela se sentia mais atraída por A. Monnier, como se pelo canto de uma sereia.

Os escritores franceses se mostravam profundamente curiosos sobre os autores estadunidenses e ingleses que Sylvia lera, e ela se viu emprestando seus exemplares de Wordsworth e Whitman, bem como edições mais antigas de *The Dial*, *The Egoist* e *The Little Review* que comprara em suas últimas viagens a Londres e a Nova York. Ela escreveu para a mãe e lhe pediu que enviasse mais volumes da biblioteca que mantinha na casa onde crescera, em Princeton.

Às vezes, Cyprian a acompanhava, e as duas fumavam e sussurravam pelos cantos, o que dava a Sylvia um pouco mais de confiança em relação a Suzanne, a quem a caçula se referia — muito baixinho e apenas para a irmã — como *la crapaudette*, uma variação da palavra francesa para “sapo”. Originalmente, ela a chamara de “sapa bajuladora”.

— Mas ela não é — protestou Sylvia, embora apreciasse bastante e até invejasse as críticas pouco gentis da irmã. — A loja foi ideia tanto de Adrienne quanto dela.

— Então por que o nome dela não está na fachada também?

— Deve ser porque foram os pais de Adrienne que financiaram a loja.

Cyprian balançou cabeça.

— Estou lhe dizendo, Sylvia, aí tem coisa.

Se havia, ninguém falava nada sobre isso. A história de fato era que as duas estudaram juntas em Paris e então foram para Londres, onde idealizaram a livraria que inauguraram em 1915. Sylvia não tinha certeza do que invejava mais no relacionamento delas: a parceria diária e tranquila, a irmandade por meio dos livros, ou o óbvio contato físico. Há quanto tempo Sylvia não beijava alguém? E, embora tivesse tido um ou dois breves romances, ela não poderia dizer que já estivera de fato apaixonada. Com certeza, nunca fora tão próxima de alguém quanto Adrienne era de Suzanne; elas eram praticamente casadas. Tão casadas quanto duas mulheres poderiam ser. Não se beijavam na loja, mas, se uma delas fosse convidada para algum lugar, presumia-se que a outra acompanharia.

Sylvia odiava sentir ciúme, principalmente porque Suzanne sempre foi muito gentil. Foi ela quem reuniu todos num domingo à tarde e disse:

— Estão exibindo *Judex* hoje. Vamos lá assistir.

Com os bolsos cheios de alçaçuz e conhaque, Suzanne, Adrienne, Sylvia e Cyprian se sentaram na sala escura do cinema, embriagadas e maravilhosamente perdidas no melodrama. No intervalo das sessões, Suzanne e Cyprian pediram licença para ir ao toalete, e Adrienne se aproximou de Sylvia.

— Sua irmã é quase tão brilhante quanto você.

Essas palavras foram um aconchego e tanto no peito.

— É simpático da sua parte dizer isso, ainda que seja uma declaração totalmente absurda.

— Nem toda estrela é como a *étoile polaire, chérie*. Algumas são mais elusivas, mais sutis. Mas elas não são menos brilhantes, nem menos importantes.

— Obrigada.

Sylvia queria dizer muito mais — que a própria Adrienne era como o Sol, a estrela mais reluzente, que banhava todos com sua luz cálida. Mas isso não seria apropriado, já que Suzanne voltaria do toalete a qualquer momento. Convencida de que estava completamente ruborizada, Sylvia avistou Cyprian voltando para o assento, e disse a Adrienne que era sua vez de ir ao banheiro.

Quando o quarteto saiu do cinema, quatro horas depois, já estava escuro do lado de fora.

— Bem, isso foi uma tortura, mas obrigada por comprar os ingressos e pagar meu salário — brincou Cyprian.

— Você estava maravilhosa! — exclamaram Adrienne e Suzanne ao mesmo tempo, enumerando suas cenas favoritas com a irmã de Sylvia.

— Vocês são muito gentis, mas eu preciso beber. O que acham de irmos àquele lugar na rua Edgar-Quinet?

Sylvia prendeu o fôlego, pois sua mente entrou num turbilhão repentino: embora presumisse que Adrienne e Suzanne soubessem que ela era lésbica, nunca confirmara isso; sua irmã evidentemente achava que isso era necessário. Nenhuma delas estava vestida de forma adequada para o local, onde todas apareciam de terno ou de vestido com lantejoulas, então a intenção de Cyprian estava nítida para todas as quatro.

Nem Suzanne nem Adrienne hesitaram, no entanto. Com um bocejo teatral, Suzanne comentou:

— Eu adoro ir ao Lulu, mas tem que se produzir *muito*, e eu realmente não estou com vontade de trocar de roupa. E vocês?

— Também não — concordou Sylvia num instante. — Estou muito cansada para isso.

Então, a aposta de Cyprian funcionou, e, se restava alguma dúvida sobre a orientação sexual de cada uma, elas foram sanadas.

Ainda brincando, Cyprian fez beicinho.

— Vocês são sem graça.

— Outra noite, *chérie* — disse Adrienne. — Conheço um lugar aqui perto que faz um excelente linguado *à meunière*.

— Vou cobrar — alertou Cyprian.

Enquanto desciam a rua até o bistrô, Cyprian e Suzanne assumiram a dianteira. Atrás delas, Adrienne atou o braço ao de Sylvia, que se apoiou um pouco mais do que o necessário no corpo macio da livreira.



As sirenes de ataque aéreo começaram assim que elas recolheram as garrafas vazias e o amontoado de cadeiras ocupadas pelos convidados para uma leitura de André Spire no início do outono. Como era tradição quando as sirenes soavam, Suzanne ergueu uma garrafa com um resto de Bordeaux, brindou com uma garrafa próxima e finalizou com um gole entusiasmado.

Ela tossiu. Conforme os dias ficavam mais curtos e o ar mais gelado, ela tossia cada vez mais.

Sylvia se sentia constrangida com o que a tosse de Suzanne fazia com ela. As tosses e as olheiras cada vez mais escuras. Ninguém comentara, mas Sylvia suspeitou que Suzanne estivesse com tuberculose. Consumpção. De alguma forma, era a doença perfeita para aquela beleza dickensiana e sua companheira igualmente vitoriana.

Embora relutasse em admitir até para si mesma, Sylvia começou a ir à loja quando sabia que Suzanne não estaria lá, pois todas as tardes sua tosse a forçava a tirar uma *grande “soneca”*.

— Vivo mais entre livros do que com pessoas — disse Adrienne numa daquelas tardes preguiçosas enquanto ela e Sylvia arrumavam uma remessa de novos romances na estante.

— É, eu também!

Ela e Adrienne trocaram um sorriso. Foi um alívio saber que aquela deusa do Odeon, que tantas mentes brilhantes procuravam, também preferia a companhia das palavras à das pessoas.

Olhando à sua volta e percebendo a loja vazia, Adrienne fixou aqueles olhos verde-azulados em Sylvia.

— Mas até eu preciso de uma folga dos livros de vez em quando. De qualquer maneira, está quase na hora de fechar. Que tal darmos uma volta pelas salas impressionistas do D'Orsay? Faz muito tempo que não visito *Olympia*.

Em uma hora, lá estavam elas diante da magnífica prostituta nua de Manet, que, na pintura, olhava de forma ousada para Sylvia e Adrienne.

— Tudo começou com ela. Todas as outras pinturas, os Morisots, os Monets, os Renoirs, os Bonnardos, os Cézannes. Eles devem tudo a ela — comentou Adrienne.

Sylvia estreitou os olhos para a figura alva, a maneira como ela se misturava às pinceladas mais soltas, sua criada africana apenas sugerida no fundo escuro, o arranjo de flores que ela mantinha suspenso ao lado da senhora, nas mesmas cores paradoxalmente puras. Sylvia supôs que deveria achar *Olympia* excitante, como o primeiro público considerara quase sessenta anos antes, mas naquele momento ela apreciou a pintura mais com os olhos de Adrienne. O que ela viu foram os primórdios da arte moderna, uma progressão que ainda evoluía naquela época nas obras de Picasso, Matisse e Man Ray, bem como no trabalho de escritores que experi-

mentavam as versões literárias das técnicas dos pintores: a preocupação com as propriedades da linguagem que serviam de paralelo à obsessão dos pintores com as propriedades de pintura, a determinação mútua de representar a “vida moderna”, como Baudelaire a chamara, em toda a sua glória e qualidade do que é grotesco, pois a vida moderna era, de fato, coisa dos deuses, como revela nitidamente o nome que Manet deu à sua prostituta-modelo.

— Deve ter sido incrível crescer com essas pinturas na própria cidade. Saber que seu país *deu início* a um dos movimentos artísticos mais importantes dos últimos séculos — observou Sylvia.

Adrienne projetou o lábio inferior para a frente enquanto olhava para a pintura.

— Não é mais incrível do que saber que a revolução de seu país inspirou a de outros.

Sylvia riu da comparação.

— Isso é história antiga. Isto — ela estendeu a mão em direção a *Olympia* — ainda está acontecendo.

— Roma é uma história antiga. As revoluções americana e francesa aconteceram ontem. Pelo menos para um francês. Esta pintura foi exposta em 1863, menos de um século depois da Declaração da Independência, e um dos motivos para sua existência é essa declaração. Eu realmente acredito que a criação de toda essa arte não teria sido possível sem a Independência.

Sylvia suspirou. Será que ela já havia tido uma conversa dessas antes? Com uma mulher linda, cuja pele, olhos e mente ela tanto admirava? Na cidade que adorava? Tudo em relação àquele momento estava carregado de significado. E, apesar do aperto que provocava em seu peito, ela queria que durasse para sempre.

Infelizmente, um guarda se aproximou para lhes dizer que o museu fecharia em dez minutos.

— Adeus, *Olympia* — disse Adrienne, ao desviar os olhos pela última vez e se voltar para Sylvia. — E agora é hora de você provar o melhor chocolate quente de Paris.

Ai, ainda bem. Ela também não queria que o dia acabasse.

— Vá na frente.



— Você está muito encrencada — afirmou Cyprian no caminho da loja para casa uma semana depois.

— Como assim?

— Não se faça de boba; não combina com você. Estou falando da Adrienne. Não acho que um *ménage* seja o seu estilo, irmã. Nem o de Suzanne. Não tenho tanta certeza quanto à Adrienne. Ela parece... cheia de imaginação. E a irmã dela, Rinette, está claramente dormindo com Fargue e o marido.

Sylvia suspirou. Não havia sentido em negar qualquer coisa que a irmã acabara de dizer.

— Eu sei, eu sei. Eu... — *Estou me apaixonando pela Adrienne. Mas, espere...* — Você acha mesmo que Adrienne faria um *ménage*?

Sylvia nem queria pensar em uniões tão confusas assim. Ouvira histórias do que acontecia nos apartamentos da Paris boêmia, mas ainda não tinha visto ou experimentado nada daquilo. E definitivamente não queria pensar em Adrienne desse jeito; preferia que ela permanecesse fiel a Suzanne, por mais que isso a magoasse.

— Adrienne me parece uma mulher de apetite, que pode se entediar com facilidade.

— Só porque ela gosta de comer, Cyprian, não significa que seja uma libertina na vida amorosa. Isso soa terrivelmente como um pensamento ao estilo de Madame Bovary.

Ela esperava que a referência ao romance de Flaubert de que as duas menos gostavam, no qual a personagem-título é descomedida em tudo, desde gastos até hábitos sexuais, simplesmente por ser mulher, ajudaria a irmã a perceber que ela estava equivocada em relação a Adrienne.

Mas a irmã apenas deu de ombros.

— Talvez não.

Cyprian conseguia ser muito irritante às vezes.

Ainda assim, Sylvia estava feliz com a companhia da irmã enquanto tentava descobrir o que fazer. O artigo sobre a Espanha não estava indo a lugar nenhum, e ela já tinha trinta anos. Precisa de um *propósito*; não podia passar o resto da vida ajudando de graça na loja de Adrienne, ainda mais considerando a maneira como seus sentimentos cresciam.



Assim que começou a se desesperar com a falta de objetivo, uma ideia tomou forma na mente de Sylvia.

Ter a própria livraria.

Um lugar que atrairia o mesmo público que a de Adrienne. Mas a uma boa distância dessa loja de que gostava tanto, da mulher que estava começando a amar demais. Nova York era longe o suficiente para proteger seu coração.

Sim, uma livraria! Uma loja só dela. A ideia se entranhou em Sylvia, que não pôde deixar de mencioná-la para Adrienne e Suzanne enquanto se preparavam para uma leitura, arrumando cadeiras e garrafas de vinho. Sylvia procurara opor-

tunidades para falar algo quando Adrienne estivesse sozinha, mas Suzanne sempre parecia estar por perto.

— Tenho pensado em abrir uma livraria de obras francesas nos Estados Unidos — ponderou Sylvia, tentando não deixar transparecer o próprio entusiasmo.

— Que ideia maravilhosa! — A exclamação logo fez Suzanne se encolher de tosse.

Adrienne correu para o lado dela, apoiando uma das mãos em seu braço e a outra, nas costas, massageando em círculos entre as omoplatas de Suzanne.

Como seria sentir esse toque?

— É uma ideia maravilhosa — concordou Adrienne, seus olhos em Suzanne enquanto ela se erguia. — Mas o que faremos sem você aqui em Paris?

O coração de Sylvia explodiu com a ideia de que poderiam sentir sua falta.

— Eu também sentiria saudade de todos vocês.

— Mas os Estados Unidos são a sua casa — continuou Adrienne, com um tom de aparente lamento.

— Não tenho tanta certeza disso. Nunca me senti tão feliz quanto nos últimos meses.

— Você também nos fez felizes.

Mais tosse, mais massagem.

O coração de Sylvia doeu. *Nova York*. Seria longe o suficiente?



Ela sabia que deveria deixar Paris, pelo bem do seu coração, mas ainda não estava pronta para abandonar totalmente a Europa e começar a trabalhar em sua livraria em Nova York. Então, quando viu o cartaz no escritório da Cruz Vermelha

convocando voluntários na Sérvia, a empolgação lhe tomou conta. Sylvia nunca tinha ido a Belgrado, e queria ajudar no esforço de guerra. “O chamado para servir é tão nobre quanto o chamado de Deus”, sempre dizia seu pai, e ela já havia ajudado antes, em 1916, quando se voluntariou para auxiliar os agricultores a cultivar o solo no interior da França. Não era nada como fazer curativos ou dirigir uma ambulância, mas era um trabalho difícil e recompensador, e ela ansiava por esse tipo de propósito e atividade física purificadora.

Assim, no final de 1918, lá estava ela de calças cáqui a quase dois mil quilômetros a leste de Paris, com a mochila cheia de canecas de lata e alguns itens preciosos, entre eles *Um retrato do artista quando jovem*, de Joyce, que ela vinha sentindo vontade de reler. Sylvia encontrava consolo na busca do personagem por uma forma mais autêntica de estar no mundo. Ela se via na busca de Stephen Dedalus por significado a partir da investigação intelectual, e encontrava uma espécie de liberação advinda de sua descrição da luxúria, que, por momentos misericordiosos, ofuscava a agitação de sua mente. *Como seria estar tão consumida pela paixão a ponto de esquecer meus outros problemas?*

Naquele momento, o único meio que tinha para se esquecer de qualquer coisa era se concentrar nas necessidades das pessoas nos vilarejos dos arredores de Belgrado, e forçar seu corpo a trabalhar por muitas horas. Embora o armistício tivesse sido assinado logo após sua chegada, as minas terrestres ainda estavam bem ativas, e certamente ainda havia rancores guardados em ambos os lados. Ainda havia escaramuças que resultavam em ferimentos de bala e por estilhaços, que exigiam cuidados, e todos, jovens e idosos, precisavam de cobertores, roupas, sapatos, sabonete e comida. Ela foi enfermeira,

tia, auxiliar de dispensário, costureira que remendava meias, leitora de histórias, escritora de cartas, apoio de mãos e tudo o mais de que as pessoas precisassem.

Sempre que ouvia um barulho alto, mesmo que, para seus ouvidos, fosse obviamente tão inofensivo quanto uma porta batendo ou o motor de um carro estalando, Sylvia notava que os jovens à sua volta — estivessem eles em leitos de hospital, tavernas ou mercados — pareciam prestes a desmoronar, estremecer ou mesmo se esconder, encolhidos, às vezes numa lata de lixo de ponta-cabeça, se ali coubessem. Era impressionante como esses pobres meninos traumatizados se curvavam tão pequeninos para caber naquele espaço.

Sylvia tentou não pensar no fato de que trabalhar com os dedos congelados pelo frio fazia a pele de suas mãos rachar e sangrar, até que uma moça húngara gentil lhe deu uma lata de pomada que cheirava a urina de ovelha, mas que protegeu suas mãos no auge do inverno. Antes que percebesse, o trabalho passava a ser tão árduo que o suor lhe escorria pelas costas. Mas o esforço era recompensador. No fim do dia, Sylvia acendia uma vela e lia em sua cama estreita e dura. Lia *Um retrato*, sim, mas era Whitman quem cantava para ela dormir na maioria das noites. Seu volume amado e macio de *Folhas de relva* era como um livro de orações que lhe oferecia conforto e fazia companhia. Mas as palavras do autor às vezes também a faziam ansiar, como quando seus olhos se demoravam nas linhas de “Dos rios sofridos contidos”: *Oh, que possamos escapar dos demais e absolutamente fugir, livres e sem lei / Dois falcões no ar, dois peixes nadando no mar não mais sem lei do que nós*. Ela ansiava por um companheiro falcão sem lei, embora soubesse que o próprio Whitman não tinha um. Ele nunca se casou, nem teve uma relação como aquela entre Adrienne e Suzanne.

O autor evidentemente conhecia a intimidade e tinha o impulso de se relacionar. Mas a sua poesia — seu *trabalho* — fora sua semente.

A ideia de que o trabalho poderia ser a grande realização de uma vida tomou conta de Sylvia. Ela pensava nisso enquanto costurava botões e andava em caminhões por estradas empoeiradas para entregar latas de comida; usava isso para afastar pensamentos românticos em relação a Adrienne que se infiltravam em sua mente. Por mais que valorizasse o que estava fazendo na Sérvia, não era o trabalho de sua vida. Ela tinha muito da mãe, muita afeição por Paris, pelas conversas brilhantes e refeições deliciosas; Cyprian se regozijaria se ela admitisse isso em voz alta, e Sylvia conteve um sorriso ao pensar nessa ideia.

Uma livraria francesa em Nova York. É, *era isso*.

A. Monnier havia lhe mostrado que uma vida para e entre os livros não era apenas possível: era *digna*. Em momentos de silêncio ou durante tarefas mecânicas, Sylvia organizava as prateleiras e móveis de um espaço imaginário em sua mente. Um pequeno lugar numa rua arborizada no centro, talvez num edifício de arenito vermelho, onde ela poderia morar no andar de cima da loja. Seria bem iluminado, e ela serviria chá nos dias frios de inverno. Ofereceria jantares para professores de literatura francesa de Columbia e Princeton, bem como para escritores locais familiarizados com Flaubert e Proust, e eles comeriam linguado *à meunière* e *boeuf bourguignon* e beberiam Burgundy e Bordeaux enquanto discutiam sobre a nova literatura e o mundo pós-guerra. Pessoas importantes da literatura iriam à sua loja; talvez Margaret Anderson, da *The Little Review*, se tornasse uma frequentadora assídua. Talvez ela encontrasse a sua própria Suzanne em Nova York, onde as mulheres podiam viver juntas tranquilamente no Washington Square Park, sem

vizinhos olhando de soslaio. Talvez ela não precisasse ansiar por uma causa perdida de cabelos negros no Quartier Latin.

Infelizmente, a mãe de Sylvia, que adorou a ideia da filha de abrir uma livraria francesa e que procurava com entusiasmo por locais em Manhattan, relatou que aquilo estava se transformando numa espécie de caçada selvagem. Numa carta, ela escreveu:

Antes não tivesse havido armistício, pois a guerra aparentemente estava mantendo os aluguéis baixos. Agora todo mundo está cheio de otimismo, e o dinheiro corre pela cidade como se fosse a última garrafa legalizada de gim, inflando os preços de tudo.

O pessimismo da mãe fez Sylvia hesitar, mas não a deteve. Ela nasceu para ter uma livraria. Se não fosse possível em Nova York, talvez pudesse ser em Boston. Ou Washington, DC. Ela se recusou a desistir.

Sua irmã Holly escreveu uma carta que a fez se lembrar de algumas notícias excelentes e do poder da persistência.

O sufrágio agora é lei no país! É tudo pelo que lutamos! Mal posso esperar para votar pela primeira vez e não me importo com o que os outros digam, mas acho que vale até a pena que o voto feminino tenha um preço — a Lei Seca, da qual, como você sabe, muitas das nossas irmãs sufragistas eram a favor. Às vezes pensava, especialmente no final, que as mulheres estavam mais ansiosas para fazer os homens pararem de beber do que para mudar o país pelo voto. A mesa da cozinha, ao que parece, continua a governar a vida do nosso gênero.

Apenas uma carta perturbou Sylvia, e veio de Adrienne.

Suzanne se casou com o filho de um amigo do pai, que há anos era apaixonado por ela. Bem, como não amar Suzanne? Eles estão contentes, embora eu tenha sentido falta dela durante a lua de mel do casal. Mas, felizmente, assim que voltaram a Paris, ela veio para a loja, e as coisas parecem ter voltado ao que eram antes.

Sylvia releu a passagem tantas vezes que as palavras começaram a flutuar diante de seus olhos. O casamento só podia ser algum tipo de conveniência, pois não achava que Suzanne era como Cyprian, capaz de desfrutar dos prazeres que os homens proporcionavam, e ela nunca ouvira nem rumores de um admirador. Sylvia simplesmente não entendia o que estava em jogo ali. O que a noiva e o noivo — sem mencionar a amante da noiva — estariam ganhando com aquele acordo? Teria algo a ver com a saúde de Suzanne? Adrienne não disse nada, e Sylvia também não perguntou.

Quando o contrato com a Cruz Vermelha terminou, Sylvia sabia que era hora de dar início ao próximo capítulo de sua vida. Antes, porém, precisava fazer mais uma parada em Paris. Algo a chamava, outra sereia que a distraía da etapa seguinte.

Tinha que ser uma sereia.

Mas por que, então, se parecia mais com a Penélope de Odisseu, uma voz amorosa que a convocava, do outro lado da vastidão entre elas, a voltar para casa?



Quando a jovem norte-americana Sylvia Beach abre a Shakespeare and Company em uma rua tranquila de Paris em 1919, não tem ideia de que ela e sua nova livraria mudarão o curso da história da literatura.

A Shakespeare and Company é mais do que uma livraria e uma biblioteca: ali se reúnem muitos escritores proeminentes dos anos 1920 e 1930, como Ernest Hemingway e F. Scott Fitzgerald. É também onde nascem algumas das amizades literárias mais importantes da época — em especial, aquela entre o escritor irlandês James Joyce e a própria Sylvia. E quando o controverso novo romance de Joyce, *Ulysses*, é censurado nos Estados Unidos, Beach decide assumir um risco enorme e publicá-lo na França.

Mas o sucesso e a notoriedade da publicação de um dos livros mais infames e influentes do século vêm com altos custos. O futuro de sua amada loja é ameaçado quando o reconhecimento de *Ulysses* faz com que outros editores passem a cortejar Joyce. E, à medida que Paris mergulha cada vez mais na Grande Depressão e diversos amigos expatriados voltam para os Estados Unidos, muitos de seus relacionamentos são colocados à prova. Diante de crises pessoais e financeiras, Sylvia precisa decidir o que a Shakespeare and Company realmente significa para ela.

Mistura de romance e biografia, *A livreira de Paris* é uma ode a uma mulher que assumiu como missão honrar o poder transformador dos livros, além de uma narrativa emocionante sobre as amizades, os amores e os atritos da cena literária europeia da primeira metade do século XX.

SAIBA MAIS:

<https://intrinseca.com.br/livro/a-livreira-de-paris/>